



NARRATIVAS DE PROFESSORAS LÉSBICAS: RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

NARRATIVES OF LESBIAN TEACHERS: GENDER AND SEXUALITY RELATIONS IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

Gilvânia Moreira de Andrade¹
Elizeu Clementino de Souza²

RESUMO: O texto apresenta reflexões a respeito das relações de gênero e sexualidade vivenciadas por professoras lésbicas dentro e fora do ambiente escolar. Objetiva analisar de que maneira as violências de gênero e sexualidade repercutem na constituição das identidades de professoras lésbicas que atuam na Educação Básica. A pesquisa ancora-se em princípios teórico-metodológicos da abordagem (auto)biográfica e da entrevista narrativa como dispositivo para a produção de conhecimento. A partir das narrativas das professoras destacamos que, embora a docência na Educação Básica seja um lugar majoritariamente ocupado por mulheres, ser professora lésbica requer luta diária diante dos estereótipos e discriminações experienciadas dentro e fora da escola. O ambiente familiar, a trajetória educacional e a escola como local de trabalho, são espaços onde vivenciaram e vivenciam violências e estereótipos em decorrência do gênero e da sexualidade. No ambiente escolar, os preconceitos geram descrença e desvalorização do trabalho das professoras pelas famílias dos estudantes e dos demais profissionais da educação. O ato de narrar teve um papel reflexivo fundante para o processo de formação das professoras no contexto de trabalho e como disposição de vida-formação.

Palavras-chave: Violências de gênero e sexualidade; Identidades; Professoras lésbicas; Narrativas de formação.

ABSTRACT: The text presents reflections about gender and sexuality relations experienced by lesbian teachers inside and outside the school environment. It aims to analyze how gender and sexuality violence affects the constitution of the identities of lesbian teachers who work in Basic Education. The research is based on theoretical and methodological principles of the (auto)biographical approach and narrative interview as a device for the production of knowledge. From the teachers' narratives we highlight that, although teaching in Basic Education is a place mostly occupied by women, being a lesbian teacher requires daily struggle against stereotypes and discrimination experienced inside and outside of school. The family environment, the educational trajectory, and the school as a workplace are spaces where they have experienced and still experience violence and stereotypes due to gender and sexuality. In the school environment, prejudice generates disbelief and devaluation of the teachers' work by the students' families and other education professionals. The act of narrating had a fundamental reflective role for the formation process of the teachers in the work context and as a life-training disposition.

Keywords: Gender relations; Sexuality; Identities; Lesbian teachers; Narratives.

¹Gilvânia Moreira de Andrade: Mestranda em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); gil.gandrade@hotmail.com.

²Elizeu Clementino de Souza, Doutor em Educação, professor do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB); esclementino@uol.com.br.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A violência em decorrência do gênero é fruto de uma construção histórica. Os estudos de Saffioti (2004) destacam a articulação entre estruturas de dominação como o racismo, o capitalismo e o patriarcado para determinar as relações de gênero. Na estrutura patriarcal, essas hierarquias são sustentadas pelas relações “desiguais e hierárquicas” (p. 26) entre homens e mulheres em que os papéis sociais são determinados em decorrência do sexo biológico antes mesmo do nascimento. O patriarcado invade diferentes espaços da sociedade, representando estruturas de poder, seja por ideologia, violência ou dominação.

Os estudos interdisciplinares das relações de gênero consideram a categoria gênero um marcador cultural e social de poder que fundamenta as diferenças entre homens e mulheres na sociedade. A partir disso, Nicolson (2000) considera ser possível introduzir a dimensão da sexualidade e das identidades construídas nos processos de poder e dominação, pois é a partir dos modelos de dominação que a heteronormatividade se apoia para excluir, invisibilizar e inferiorizar as mulheres lésbicas.

Essas mulheres são vítimas de modelos e comportamentos de feminilidade historicamente situados e, ao fugir de determinados padrões, são violentadas em decorrência do gênero, vivenciando o agravante da lesbofobia devido a sexualidade. O conceito lesbofobia tem sido utilizado para evidenciar o preconceito, ódio e repulsa em relação a existência de mulheres lésbicas (PERES, SOARES e DIAS, 2018). As implicações sociais em torno das lésbicas, reverberam em condições de estigma, exclusão e invisibilidade que visam determinar o lugar que elas ocupam na sociedade e nas instituições.

Embora a docência tenha se configurado historicamente como uma profissão composta majoritariamente por mulheres é também no ambiente escolar que as lésbicas têm suas identidades negadas e forjadas. A escola ainda é um espaço que normaliza as condutas de repressão, silenciamento e violência entre as pessoas que não configuram os padrões de gênero e sexualidade norteados pela heterossexualidade, sejam estudantes ou professores/as (SOUZA, 1994). A indiferença aos diversos corpos que adentram o espaço escolar reforça e colabora com a negação das diferentes identidades. Ao abordarmos os modos de existir e habitar à docência das professoras lésbicas, não ousamos mencionar uma forma, perfil ou padrão de professor/a, a proposta é problematizar os modos que os diferentes sujeitos que atuam na docência constroem suas identidades pessoal e profissional.

O texto emerge das discussões no curso de Especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Adotamos como aporte teórico-metodológico a



abordagem (auto)biográfica e a entrevista narrativa como dispositivo para a construção do *corpus* da pesquisa e produção de conhecimento. As narrativas da trajetória de vida das mulheres lésbicas e professoras, são colocadas como foco nesse estudo.

A partir das reflexões, memórias e vivências acionadas ao longo da investigação, buscamos trazer para o campo da docência reflexões sobre os modos e estratégias que as mulheres lésbicas professoras adotam para o enfrentamento de modelos heteronormativos e patriarcais, presentes no ambiente escolar.

O acesso as participantes da pesquisa deu-se no contato com outras professoras que atuam na Educação Básica em escolas públicas de Salvador/BA e Camaçari/BA, por meio de grupos de WhatsApp. A proposta foi colocada nesse espaço de interação e formação entre as professoras. Dentre os princípios evidenciados na proposta, estava a autoidentificação como mulher lésbica e professora da Educação Básica. As professoras destacaram ter 52 e 53 anos de idade, uma com atuação de 20 anos no magistério e a outra, há 25 anos.

Os encontros para as entrevistas ocorreram de maneira individual e presencialmente. Para melhor condução, foi elaborado um roteiro com eixos temáticos baseados nos objetivos a serem alcançados, a partir das narrativas das histórias de vida das mulheres professoras lésbicas. No entanto, os eixos não foram colocados como um questionário de perguntas e respostas, as entrevistas também não se limitaram ao roteiro, elas ocorreram em forma de diálogo, o que proporcionou um momento de acolhimento e segurança no processo de narrar e da escuta.

A condução da entrevista perpassou pelas seguintes temáticas: violências de gênero e sexualidade (na família e demais grupos sociais e as marcações de gênero, da infância à vida adulta); as violências de gênero e a relação com a identidade docente (a entrada na docência, relação com as pessoas no ambiente escolar, as questões de gênero no processo de formação); as questões de gênero na prática docente (o trabalho com as questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar, desafios e possibilidades para o trabalho com a temática na Educação Básica, narrar essas experiências como processo formativo).

As narrativas foram biografadas e analisadas a partir de idas e vindas da escuta das gravações, elas foram colocadas em um quadro com os temas abordados, onde sinalizamos a fala de cada participante. As histórias foram costuradas com o texto, dialogando com o referencial teórico que embasou a pesquisa, criando e recriando conhecimento a respeito das temáticas abordadas no artigo e evidenciadas por elas. As identidades das professoras foram preservadas e foram designadas no texto como P1 (Professora 1) e P2 (Professora 2).

A P1 é professora da Educação Básica da rede pública do município de Camaçari/BA, graduada em Pedagogia e Ciências Contábeis, com especialização em Matemática. A P2 atua na Educação Básica em Salvador/BA e no Ensino Superior, ela tem graduação em Pedagogia, mestrado em educação e é doutoranda na mesma área. Nós criamos esses códigos juntas para identificá-las em suas narrativas quando forem citadas no texto.



DIÁLOGOS TEÓRICO-METODOLÓGICO: (AUTO)BIOGRAFIA E ENTREVISTA NARRATIVA

O texto de natureza qualitativa, adotou os pressupostos metodológicos da abordagem (auto) biográfica, devido o protagonismo dado as narrativas das trajetórias de vida das mulheres professoras lésbicas na investigação. Nóvoa (2010, p. 24) destaca que enquanto “investigação-formação, esse método de pesquisa permite considerar um conjunto amplo de elementos formadores”, uma vez que o eu pessoal e o eu profissional são inseparáveis. Para o referido autor, negar as lutas, as experiências ou separar a identidade pessoal da profissional tem causado crises de identidade. A trajetória de vida das mulheres lésbicas e professoras, nos ajudam a entender o conceito que elas têm de si e da docência, ao acessar suas memórias e experiências.

Dentro das bases epistemológicas da abordagem (auto)biográfica, utilizamos as narrativas autobiográficas como método de pesquisa. A narrativa como recurso metodológico caracteriza o percurso da pesquisa em “[...] fazer surgir histórias de vida em planos históricos ricos de significado, em que aflorem, inclusive e especialmente, aspectos de ordem subjetiva [...]” (ABRAHÃO, 2006, p. 154). O misto do pessoal e profissional que configura o professor é demarcado por trajetórias e percursos singulares a cada indivíduo, que produzem reflexão na construção das identidades.

A entrevista narrativa foi o dispositivo adotado para a produção de conhecimento. Conforme Souza (2006) “[...] a entrevista narrativa como uma das entradas do trabalho biográfico, inscreve-se na subjetividade e singularidade do sujeito [...]” (SOUZA, 2006, p. 89). Nesse sentido, a entrevista narrativa possibilita as professoras participantes da pesquisa, selecionar e questionar memórias pessoais e profissionais de maneira reflexiva, configurando-se como importante instrumento de formação. Bauer (2002) destaca que a narração é eliciada na base de provocações específicas e, uma vez que o informante tenha começado, o contar histórias irá sustentar o fluxo da narração, fundamentando-se em regras tácitas subjacentes (p. 47).

A narrativa está inserida em um universo teórico-metodológico no campo da formação de professores, que valoriza as histórias de vida dos sujeitos, considerando suas subjetividades, suas dimensões pessoais, formativas e profissionais, como pressupostos que orientam a ação docente e seus processos formativos. Souza (2012) revela que narrar histórias e contar a vida caracteriza-se como uma das possibilidades de tecer identidade, de compreender como nos tornamos professores (p. 46).

As narrativas autobiográficas foram analisadas utilizando-se dos princípios da hermenêutica em um processo de interpretação-compreensão-reflexiva, fazendo uma triangulação entre o aporte teórico, as narrativas e o meu lugar ontológico diante do objeto pesquisado. Para Souza (2014, p. 43) a “[...] análise compreensiva-interpretativa das narrativas busca evidenciar a relação entre o objeto e/ou as práticas de formação numa perspectiva colaborativa entre seus objetivos e o processo de investigação-formação”.



A partir do conceito de experiência de Larrosa (2021), as narrativas das professoras foram se configurando como um importante instrumento de formação. Para o autor, a “experiência é o que nos acontece, é atenção, escuta, abertura, possibilidade, disponibilidade, exposição, onde a linguagem da experiência elabora a reflexão de cada um” (p. 68). Essas experiências são também formativas e contribuem para a construção das identidades pessoal e profissional, motivo pelo qual as narrativas das professoras lésbicas são centrais no trabalho.

VIOLÊNCIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

A violência é considerada por Minayo (2006) um “fenômeno sócio-histórico que acompanha toda a experiência da humanidade” (p. 8). Ela decorre entre diferentes culturas e se manifesta de várias formas, além da agressão física que acarreta lesões no corpo e morte, mas também através de ataques verbais, constrangimentos, ameaças, chantagens, humilhações, discriminações e nas demais ações que causem danos emocionais e psicológicos as pessoas.

Seja nos aspectos estruturais ou históricos, elas geralmente são carregadas de ódio, ideia de superioridade, supremacia, disputa por poder e intolerância. Ao articular as violências de gênero e sexualidade, destacamos a necessidade de distinguir, apesar de ser dimensões embricadas, os conceitos de gênero e sexualidade que conduzirão as discussões.

Ao citar os estudos feministas, Louro (2003) sinaliza que gênero se trata de uma categoria fundamentalmente social baseada no sexo, o que possibilita várias formas de viver as identidades de gênero, masculinidade ou feminilidade, enquanto a sexualidade está relacionada aos desejos e prazeres sexuais (p. 64).

Para a autora trata-se de categorias “ligadas à produção de identidades múltiplas, plurais, de mulheres e homens no interior das práticas sociais, portanto, no interior das relações de poder” (LOURO, 2003, p. 77).

Scott (1995) destaca que o termo gênero nasce dos movimentos feministas americanos que defendiam o caráter social das distinções baseadas no sexo, postulando a ideia de que ele indica construções sociais e históricas. Para a autora,

[...] o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e os homens têm uma força muscular superior. Gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as construções sociais – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres (SCOTT, 1995, p. 7).

Os papéis que estruturam as relações de gênero são firmados nas organizações sociais, desde o ambiente familiar doméstico, até as esferas públicas, resultando em



inferiorização, violências e privações. O conceito de violência de gênero no qual nos debruçamos, para dialogar com as narrativas das mulheres professoras lésbicas, parte do que Saffioti (2001), chama de conceito amplo, que abrange vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. Na infância, adolescência ou vida adulta, podem ser “praticadas também pelas mulheres, por função e delegação da função patriarcal” (p. 115).

Para a autora, a violência contra as mulheres é uma ruptura de qualquer integridade humana, seja ela física, psíquica, sexual ou moral. Tal violência ganha outras proporções quando a mulher tem sua sexualidade fora dos padrões situados pela heteronormatividade, em destaque as mulheres lésbicas.

A violência física pode ser considerada a mais letal e covarde dentre as agressões que as lésbicas enfrentam na sociedade brasileira. Os estudos de Peres (2018, et. al) adota o termo lesbocídio no Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017, para evidenciar o assassinato dessas mulheres por repulsa, discriminação, ódio ou lesbofobia. A pesquisadora destaca a importância da utilização desse termo como uma forma de “advertir contra a negligência e o preconceito da sociedade”. Além do lesbocídio, as violências de ordem psicológica, por exemplo, são recorrentes em diferentes contextos e espaços por onde elas circulam.

Os papéis determinados historicamente, do que é de homem e de mulher mesmo antes do nascimento, se perpetuam na vida adulta afetando a subjetividades dos/as sujeitos/as que se expressam, se vestem ou se comunicam com o que não é normatizado pela heteronormatividade. O discurso do feminino e masculino, reforça significados sociais que violenta as mulheres lésbicas, produzindo estigmas e estereótipos devido à sexualidade também no ambiente escolar.

A escola enquanto espaço social é historicamente grande responsável pela formação de mulheres e homens. Louro (2003) destaca que a natureza do ambiente escolar é um lugar generificado atravessado pelas representações e relações de gênero. A multiplicidade de sujeitos que circulam nesse espaço, perpassa também pela docência, onde o conjunto de representações da mulher professora é carregado de simbolismos.

O histórico da entrada das mulheres no magistério no Brasil iniciado no século XIX, trazia consigo argumentos do perfil ideal de professora. A docência era uma ampliação dos atributos ditos femininos voltados para o cuidado, dedicação e modelos dóceis de virtudes (p. 79).

Nóvoa (1991) acrescenta que os encargos sociais colocados sobre a vida de professoras e professores, levavam esses sujeitos a um controle dos seus desejos, falas e atitudes, onde a comunidade tornava-se vigilante das ações desses docentes (p. 190). Essa breve explanação histórica nos ajuda a refletir sobre a multiplicidade dos sujeitos que atuam no magistério na contemporaneidade, em destaque as mulheres lésbicas. O modelo ideal de professora historicamente constituído apresenta atributos de mestra ideal que perpassam por comportamentos e símbolos corporais.



NARRATIVAS DE PROFESSORAS LÉSBICAS: VIOLÊNCIAS E IDENTIDADES

A docência tem se configurado historicamente, como um lugar ocupado por mulheres, mas a influência do patriarcado e da heteronormatividade tem contribuído para que as lésbicas sejam violentadas e tenham suas identidades forjadas por não se enquadrarem na norma heterossexual. Para Louro (2011), a escola produz diferenças, reproduzindo mecanismos de segregação, de ordenação, de hierarquização, sendo, ainda hoje, diferente para pessoas pobres e ricas, negras e brancas, homens e mulheres. Também entre as/os docentes e demais membros da escola, o padrão social do homem branco, heterossexual, têm status diferenciado. A P1 e a P2 sinalizam o quanto fugir do padrão eurocêntrico e heteronormativo é um processo difícil para as mulheres lésbicas:

Quando eu cheguei na escola eu percebi que as pessoas me olhavam assim com desconfiança, elas não falam, mas a gente percebe né, no olhar, na forma. Tipo, o que essa mulher sapatão, negra, rastafári, vai querer saber de dar aula para criança pequena?! Então, minha competência era questionada, a partir desses marcadores da diferença. Minha competência acadêmica, se eu ia dar conta (P2).

O ignorar é uma das maiores violências [...]. Quando perguntam eu digo que sou lésbica. Eu consigo perceber o seguinte, é como se enquanto eu, aquela que chegou dentro daquela escola não se assumia lésbica era é uma pessoa maravilhosa [...] (P1).

A P2 narra outras violências que mantém as mulheres lésbicas em um modelo de dominação e exploração orquestradas pelo patriarcado, pelo capitalismo e pelo racismo. A narrativa da P1 demonstra o quanto a lesbofobia é perversa ao tentar invisibilizar a sua existência. No momento em que sua sexualidade se torna pública, o comportamento das pessoas muda demonstrando desprezo por ela ser lésbica. Quando a professora performa a heterossexualidade tentando se enquadrar em um padrão, seu comportamento não era questionado e as relações aconteciam de maneira amigável.

Tal experiência também se dá fora da escola. Para a P1, a infância e adolescência foram marcadas por momentos em que ela era obrigada a vivenciar os padrões de feminilidade historicamente situados, antes mesmo do seu nascimento. Ainda na infância, essas mulheres são violentadas ao serem forçadas a performar um feminino idealizado. Esses abusos acompanham a vida adulta das lésbicas, impactando no modo como elas constituem suas identidades:

O tempo todo aquelas frases: parece um moleque macho, parece isso, parece aquilo, como se fosse a pior coisa do mundo. [...] Eu apanhava, as palmadas nos lugares certos, claro que minha mãe me bateu



algumas vezes mais, exatamente porque as vezes ela me via como menino, quando ela não queria que eu fosse menino. [...] então, dos 4 filhos dela eu apanhei mais (P1).

A P2 retrata uma violência que ela considera comum entre as lésbicas, a partir da convivência com outras mulheres e outras histórias. Ainda na infância, essas mulheres são violentadas ao serem forçadas a performar um feminino idealizado:

Eu sou uma mulher lésbica, sempre me entendi como uma mulher lésbica, mas por conta da lesbofobia, das violências de gênero, você acaba performando uma feminilidade, numa perspectiva da heteronormatividade compulsória, inclusive, eu tive até uma filha. [...] Essas questões não eram tratadas na minha família, a relação com a minha irmã, principalmente a minha irmã mais nova quando eu me assumi lésbica mesmo, eu sofri bastante lesbofobia dela [...] Assim, de me afastar da minha sobrinha, dela se afastar da minha casa [...] (P2).

A heteronormatividade compulsória a qual se refere em sua narrativa a P2, é para Rich (1993, p.17) uma via pela qual “a experiência lésbica é percebida através de uma escala que parte do desviante ao odioso ou a ser apresentada como invisível”. Dentre as formas de compulsão, a autora destaca o casamento infantil, o cinto de castidade, o apagamento da existência lésbica e o casamento heterossexual. Rich (1993) sinaliza ainda, que o reforço do poder da heterossexualidade tem convencido as mulheres lésbicas de que o casamento e a orientação sexual voltada para os homens são tidos como inevitáveis em suas vidas. O medo em assumir, inclusive para si, a sexualidade, os desejos, anseios, o modo de ser e estar no mundo contribui para a invisibilização da existência lésbica impactando nas escolhas pessoais e profissionais (RICH, 1993, p. 26).

O debate a respeito da feminização do magistério é de extrema relevância para entendermos a postura das instituições educacionais em relação a diferença e o lugar ocupado por homens e mulheres na docência. Para Louro (2000) os atributos ditos femininos, como amor, cuidado e sensibilidade, são concretizados na docência. No processo de feminização do magistério eles são tradicionalmente associados às mulheres, para situar a docência como uma profissão conveniente para elas (p. 97). Se ser professora é uma profissão tida como adequada para as mulheres, ser professora lésbica exige ter atributos femininos e performar a feminilidade ditada como única.

As entrevistadas P1 e P2, destacam experiências em que sentem seus corpos vigiados e contestados, a forma como suas sexualidades são interpretadas, diz muito sobre como a escola continua produzindo e reproduzindo uma hegemonia patriarcal:

Eu acho importante destacar que as mulheres professoras lésbicas que não performam uma feminilidade esperada, socialmente, que elas possam serem acolhidas na escola, a partir dos seus corpos. Porque



isso é uma violência para as professoras, performar essa feminilidade padrão, isso é uma violência. Eu sempre converso com algumas colegas professoras que são um pouco masculinizadas, como elas sofrem muito mais na escola, desde a violência de você ter que usar um determinado tipo de farda, a que disponibilizada pela escola, como ela deve se comportar, enfim... Ela tem que usar um cabelo assim ou usar determinada roupa, isso é muito violento com as professoras (P2).

Algumas mães da comunidade elogiam: “essa professora manda, essa faz a escola funcionar”, e na verdade eu só tô oferecendo pra elas o serviço que deveria estar ali funcionando, mas até nesse momento, elas fazem uma referência como se [...] Eu só mando porque eu sou masculinizada (P1).

Apesar da docência ainda ser composta majoritariamente por mulheres, as narrativas acima nos convidam a refletir sobre como é ser uma mulher que não performa a sexualidade tida como padrão. As violências em decorrência da sexualidade, deslegítima inclusive a competência profissional da docente. Essa narrativa nos ajuda a pensar como são constituídas e reconstruídas a identidade docente dessas mulheres na escola. A afirmação da identidade lésbica encontra no ambiente escolar um lugar de lutas em meio à cultura heteronormativa que provoca exclusão, violência, invisibilidade e conflito para vivenciar as identidades, pessoal e docente.

A pluralidade das identidades e a complexidade do tema, se entrelaçam com o desafio de conceituar o que é identidade. Hall (1987), argumenta que definir tal conceito, vem tornando-se cada vez mais transitório na pós-modernidade. Para o autor, a identidade é “formada e transformada continuamente, em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1987, p.13). Tão complexo quanto o conceito de identidade é o de identidade docente.

Para Nóvoa (2010) trata-se de um processo complexo em que somos influenciados pelas características pessoais e os percursos de vida. O autor acrescenta ainda, que “a identidade é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão” (NÓVOA, 2010, p. 16). Para além de conceituar identidade docente, o que buscamos ao abordar a temática com as professoras lésbicas, é compreender como elas ressignificam à docência, produzindo uma ideia ética de si que pode ser usada também no ambiente escolar, tanto nas relações com as pessoas não docentes, quanto com as/os estudantes.

Ao falarmos em identidade docente, consideramos aqui três importantes elementos, que Sabino (2009, et. al) nomeia de “elementos identitários da docência” (p. 60): as histórias de vida, a formação e a prática pedagógica. Esses elementos estão atrelados às dimensões sociais e aos processos individuais que constituem os sujeitos enquanto docentes. Ao longo de todo o texto, trabalhamos com as histórias de vida das professoras lésbicas, elemento importante para o processo formativo.

Para contextualizar temáticas como formação e prática pedagógica, não vamos adentrar nos tipos de formação ou na didática utilizada por elas nas suas práticas, o que



priorizamos é como as questões de gênero e sexualidade estiveram presentes ou não nos processos que elas consideram formativos e como se dá a abordagem dessas temáticas no ambiente escolar. As narrativas da P2, destacam como e quando, esses temas fizeram parte da formação institucionalizada:

Na minha graduação as questões de gênero foram aparecer dentro do currículo, lá no finalzinho, muito numa provocação das estudantes pra discutir as questões de gênero, isso não veio das professoras ou da formação, do currículo do curso de pedagogia, mas muito mais uma demanda das estudantes e não da universidade (P2).

A professora destaca o quanto o trabalho com as questões de gênero e sexualidade ainda é tímido nos cursos de formação de professoras/es. Nos últimos anos essas temáticas têm constituído um campo fértil de análises nos trabalhos acadêmicos, mas ainda temos muito que avançar para que elas cheguem na Educação Básica. A inserção desses conteúdos nos currículos e práticas de formação de docentes, tende a contribuir com práticas pedagógicas e ações mais equânimes na escola. A professora compartilhou a importância de ter acesso a temáticas de gênero e sexualidade na formação e como isso impacta nas ações e práticas no ambiente escolar

As minhas ações são sempre formativas. [...] eu pedi para a coordenadora pedagógica fazer uma formação, de gênero e sexualidade, então isso foi um debate, principalmente na infância, que é um espaço muito bacana pra gente desconstruir, porque a gente tem muitos estereótipos de gênero já a partir da infância, principalmente protagonizado pela escola. Que é esse espaço escolar generificado, como divisão de banheiro de menino e menina, as cores dos cadernos, dos materiais rosa pra menino e rosa pra menina, quando se refere a menino e menina nos cartazes, então esse debate foi muito importante na escola [P2].

A P1, disse não ter tido acesso a essas temáticas nos cursos de formação para o magistério, mas as violências ao longo da sua trajetória de vida, fazem com que ela tenha um olhar diferenciado sobre elas:

[...] eu não fico levantando uma bandeira, mas desde muito cedo eu fico falando do respeito, da valorização daquele aluno. Principalmente quando você percebe que só porque ele tá muito afeminado há um conceito geral que ele não presta pra nada, ele tem que ser sempre muito bom. Como a gente, a gente tem que ser sempre muito boa pra poder estar ali, estar naquele local (P1).

A escola ainda é o lugar onde a estrutura de dominação patriarcal e



heteronormativa encontra terreno fértil para a manutenção das normas heterossexuais e sexistas, excluindo e invisibilizando as pessoas de identidades sexuais e de gênero que transgridam essa norma. As entrevistadas P1 e a P2 demonstraram fazer um importante trabalho com as questões de gênero e sexualidade, mas essas práticas não podem ser somente a partir da subjetividade das docentes. A escola precisa criar e desenvolver reflexões e debates sobre a naturalização das diferenças e é urgente que o Estado crie políticas públicas para que essas temáticas sejam incluídas nos currículos da Educação Básica ao Ensino Superior.

NARRATIVAS E FORMAÇÃO: OUTROS MODOS DE DIZER

As experiências das trajetórias de vida narradas pelas professoras lésbicas que participaram da pesquisa, são marcadas por tempos, lugares, pessoas, contextos sociais e políticos diferentes. Essas vivências são singulares, mas têm proximidades quando elas falam das violências em decorrência de gênero e sexualidade. Ambas vivenciaram situações de lesbofobia e invisibilidade das identidades pessoal e profissional, dentro e fora do ambiente escolar. A escola continua sendo um lugar de valorização de pessoas heterossexuais e manutenção de uma educação excludente.

As narrativas das professoras em relação as questões de gênero e sexualidade nos processos de formação institucionalizada, demonstram o quanto ainda temos que lutar para que essas temáticas sejam inseridas nos currículos educacionais, da Educação Básica, ao Ensino Superior. A contextualização das trajetórias de vida nesse trabalho, foi de extrema importância para o processo de reflexão das identidades dessas mulheres a partir do que elas externaram quando narraram suas histórias. Ambas destacaram, ser fundamental visibilizar a existência lésbica em todos os espaços, principalmente na educação. O ato de narrar experiências que foram marcantes nas trajetórias das professoras é formativo, pois é também pela linguagem que os sujeitos se formam. As entrevistadas P1 e a P2 destacam a importância desse processo ao acionar vivências e refletir sobre elas:

Isso mexe com a memória da gente, isso vai nos empoderando ainda mais, isso vai fazendo a gente pensar coisas que a gente vive, mas as vezes a gente não pensa, a gente vai vivenciando e percebendo, é muito importante ter pesquisas como essa, é importante a gente falar sobre isso e escrever sobre isso, refletir sobre isso (P2).

Eu venho participar dessa pesquisa com a intensão de trazer visibilidade pra gente como professora [...] porque parece que quando a gente fala desses assuntos, eles trazem recordações dolorosas, eles trazem recordações que você nem lembrava, mais quando começa a falar, mas ele é libertador também [...]A gente vai narrando, vai crescendo e vai conhecendo... E eu espero que ajude outras pessoas a



não passar por todo o processo doloroso da gente (P1).

As narrativas autobiográficas das professoras, apontam que os desafios de ser mulher lésbica e professora são diários. Ao narrar suas histórias de vida, percebemos o quanto as violências de gênero e sexualidade impactam na vida pessoal e profissional das professoras. Desde a infância essas violências são praticadas tanto de maneira velada quanto explícita sendo praticadas por homens e mulheres. No ambiente escolar, as docentes destacaram se sentir violentadas quando tiveram a capacidade acadêmica e intelectual questionadas, inclusive, pelas famílias das crianças, quando são ignoradas pelas outras pessoas que trabalham nesse espaço, tem a autoridade subestimada por ser lésbica e são contestadas por não performarem um ideal normativo de feminilidade.

É importante normatizar as discussões de gênero e sexualidade na sociedade e nos espaços educacionais. Nas escolas onde atuam, a P1 e a P2 buscam levar essa discussão para a sala de aula e para toda a estrutura escolar. Essas práticas são também um modo delas visibilizarem as suas existências, onde ser mulher professora e lésbica é criar e recriar, diariamente, novos modos de ser e estar no mundo e na docência. É nesse movimento que a identidade profissional docente vai se constituindo e professoras e professores se formam.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B.; SOUZA, E. C. de. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

BAUER, M. W. G. G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LOURO, G. L. **Docência, memória e Gênero: estudos sobre formação**. Ed. 4. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

LOURO, G. L. Corpo, Escola e Identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, jul-dez. 2000.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

MACIEL, P. D. **Lésbicas e professoras: modos de viver o gênero na docência**. 2014.



178p. **Tese** (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

MINAYO, M. C. de S. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro. Editora FIOCRUZ, 2006.

NICOLSON, L. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000.

NÓVOA, A. **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

PERES, M. C. C.; SOARES, S. F.; DIAS, M. C. **Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 20170**. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **N.T.: Coalizão Nacional de Mulheres Trabalhadoras Sindicalizadas.**, [s. l.], v. 05, ed. 05, 2010.

SABINO, I. M. *et al.* **Didática e docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Liber Livro, 2009.

SAFFIOTI, H. I. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 16, 2001. p. 115-136

SAFFIOTI, H. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995. p. 71-99

SOUZA, E. C. de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Revista Educação UFSM**, [S. l.], v. 39, n. 1, 2014.

SOUZA, E. C. de. **Educação e ruralidades: Memórias e narrativas (auto)biográficas**. Salvador: EDUFBA, 2012.

SOUZA, E. C. de. A Escola e a Sexualidade: por que negar o prazer? **RBEP**, Brasília, v. 75, n. 179/80/81, 1994.